

Tomemos o Nirvana como um ponto, uma semente, um grão virtual, o “grau máximo – infinito – de condensação” (p. 84). Nele, rege soberana uma força *centrípeta* de inércia e recolhimento, o retraimento ao zero. Como nasce, a partir deste *ponto* de origem, um *espaço* psíquico? Um feixe de forças *centrífugas*, opostas à *centrípeta*, gera uma pressão sobre o ponto zero da quiescência narcísica primária, “à semelhança dos três vetores que transformam, na geometria, o ponto em espaço tridimensional” (p. 83); são elas: as necessidades pulsionais, o mundo sensório do recém-nascido e a intrusão do corpo e inconsciente maternos. Observamos então, neste jogo de forças, o milagre da *criação de um espaço*: “a depressão originária diz respeito à criação, circunscrição e guarda deste espaço primitivo da psique” (p. 82).

Início a resenha de mais este livro de Daniel Delouya recontando a sua versão do mito de origem do psiquismo humano, cravada bem no centro de *Depressão, estação psique*. Escolhi este ponto de partida para ressaltar, em primeiro lugar, como o tema das origens é caro ao autor, que atribuiu justamente a um de seus livros anteriores – *Entre Moisés e Freud* – o subtítulo “tratados de origens”; ali ele conclui: “Moisés, surgindo dos altos, (...) nada poderia instaurar sem aquilo que buscou e encontrou em baixo. Para chegar longe, Freud o sabia, é preciso respeitar aquilo que o determina, que vem de baixo: o arcaico”¹. Neste seu novo livro sobre depressão, Delouya faz jus a este plano radical de pesquisa: sondar o que vem de baixo, o arcaico, em um ambicioso retorno às origens. Pois, para nos falar de

Por uma teoria da depressão generalizada

Resenha de Daniel Delouya, *Depressão, Estação psique: refúgio, espera, encontro*, São Paulo, Escuta/Fapesp, 2002, 170 p.

depressão, Delouya retraça, à sua maneira, o percurso inicial do sujeito humano em seu ponto de origem, já que aí se encontrariam algumas respostas ao enigma desta fascinante e complexa configuração clínica.

Vê-se como a temática do livro se expande de uma questão psicopatológica para uma maneira própria de pensar o sujeito psíquico e de, sobretudo, “pensar psicanaliticamente”, caracterizada por uma constante preocupação em articular observação fenomenológica acurada e rigorosa reflexão metapsicológica. A linguagem é rebuscada, erudita, e profundamente evocativa de experiências subjetivas e de elaboração metapsicológica para aquele que aceita o desafio que a leitura impõe. Trata-se de um convite a um mergulho em uma vivência sensória peculiar, em um “banho de luz” que nos introduz na “consciência do buraco depressivo” (p. 72); mas, ao mesmo tempo, trata-se de uma viagem estonteante em

meio a uma profusão de pensamentos e pensadores psicanalíticos. A desenvoltura do autor em transitar pela obra de Freud e de muitos analistas que o sucederam é digna de admiração, resultando em um texto extremamente condensado e de fino acabamento.

O primeiro artigo do livro, já publicado na *Percurso* em 1998, introduz o tema e dá o tom ao que se seguirá, e abre, por assim dizer, o campo da pesquisa. Posicionando-se breve e enfaticamente em relação aos “novos paradigmas da contemporaneidade”, o autor revela a questão metodológica que se encontra embutida na terminológica: a depressão de que falamos diz respeito a *estados* ou a *organizações* patológicas? Ora, a história da psicanálise tem se dirigido cada vez mais a considerar uma “depressividade” – ou, se quisermos, uma “posição depressiva” – inerente ao humano, o que já amplia a investigação para além do campo exclusivo da psicopatologia. Bem, em que pese toda a discussão “contemporânea”, Delouya conserva a “representação” como um conceito norteador, buscando os alicerces da representação em uma condição originária

do sujeito. A representação é, para o autor, o protótipo de um *lugar*. Temos aqui a primeira grande metáfora – que será seguida por uma profusão delas, tais como a placenta, o arquipélago etc. – sobre a depressão e o psíquico: a *Estação*. Há um momento privilegiado de contato com o psíquico quando podemos estar, ainda que transitoriamente, “em um lugar”: o *sight* torna-se *insight*, revelando-se a “qualidade espacial da vivência psíquica” (p. 20). Nasce assim a pesquisa a respeito da *criação de um espaço*, que conduziu o autor ao “tempo mítico da existência de um antes” (p. 21), e à reconsideração do mito de origem acima apontada.

Apesar de profundamente freudiano – um “freudismo” exercido com rara liberdade –, Delouya não deixa de ressaltar, como também o fez Abraham, uma importante lacuna na obra do fundador da psicanálise: o lugar limitado que nela ocupava a depressão. Comparativamente à angústia, ressentimento da ausência relativa de uma teoria à altura sobre o afeto depressivo. Esta teoria é, em Freud, potencial, como depreendemos, por exemplo, do estudo do luto, da perda do objeto e do humor. Delouya busca, entre outras coisas, fazer germinar este potencial. “A depressão eclode com a consciência de ser separado da mãe ou com a perda progressiva dela, na esteira do nascimento do sujeito psíquico, do Eu e o conseqüente reinves-

timento de si” (p. 23). O autor identifica esta operação estruturante do sujeito psíquico tanto na “posição depressiva” de Klein como na “fase do espelho” de Lacan, assim como na passagem de um estado de indiferenciação para um outro de diferenciação, trabalhada por Winnicott e por Mahler. Introduz-se, assim, a partir daqui, uma recorrente visita aos principais autores da psicanálise pós-freudiana, assim como uma temática conceitual a ser destacada: o chamado “eixo narcísico das depressões”. Esta vertente já havia sido extensamente trabalhada por Delouya em seu livro anterior sobre depressão², mais conciso, mas nem por isto menos denso e rico. Recomendo uma leitura de ambos os livros para uma melhor apreensão “de conjunto” da contribuição do autor; uma questão de tempo-espaço me impede de adentrar, por ora, neste outro livro.

A ênfase na representação não exclui, como já nos alertou Green desde *O discurso vivo*, o estudo do afeto. É assim que Delouya propõe-se a restituir o lugar do afeto na condição depressiva, ressaltando o caráter econômico da mesma: ela concerne a aquilo que “espreme e comprime – ou talvez subtrai e suga – do sentido do viver e do representável” (p. 26). Em seguida, o autor lança mão da ferramenta meta-

psicológica que firmará o curso de todo o seu trabalho: as últimas elaborações freudianas a respeito da angústia serão o modelo para conceitualizar o afeto depressivo. Retomando as indicações de Abraham sobre a distinção entre *angústia* e *afeto depressivo* – um perigo futuro ou uma perda já consumada –, Delouya propõe a fórmula “o que o perigo é para a angústia, a perda é para a depressão” (p. 29), e relaciona a depressão, em paralelo à abordagem freudiana da angústia em *Inibição, sintoma e angústia*, com o *traumático* e o *desamparo*. A experiência do nascimento e de separação do corpo da mãe enquanto “calamidade da origem” (novamente a origem!) desperta a reação ativa de angústia, e deixa como consequência uma prostração decorrente do trauma. Este *day after* do traumatismo é a depressão, mais especificamente qualificada por Delouya como *originária*. “A angústia está vinculada com os aspectos positivos – dinâmicos e econômicos – deste estado originário; a depressão, com os negativos – lugar, *topos*, espaço – que refletem o espaço de fusão originária com o corpo da mãe” (p. 29).

O *desamparo* tornara-se, então, na construção do autor, peça-chave que se articula à depressão, ao narcisismo a ao originário. O resultado, nomeado muito de passagem e que merece ser ressaltado, é a proposição de uma “teoria generalizada da depressão” (p. 38). O desamparo traz em seu bojo o “espaço vazio que ela deixou em mim” e um apelo de retorno, e desencadeia o que

Delouya nomeia como o “trabalho do narcisismo”, que almeja a perlaboração desta agonia de origem. Há um clamor por um *conteúdo* e por um *continente*, e as falhas significativas do objeto primário em responder ao apelo comprometem tal trabalho, conformando uma depressão originária. Em contraste, aquilo que M. Klein nomeou “posição depressiva” implica, na leitura de Delouya, um trabalho bem sucedido do narcisismo primário, que resulta na firme instalação do objeto e de um espaço interno. A partir deste modelo básico, as diversas formas de depressão – incluindo sua discriminação em relação à melancolia – serão discutidas ao longo do livro, tanto na sua vertente etiológica como clínica.

Se o primeiro e o terceiro capítulos constituem o “núcleo duro” do livro, o segundo funciona como um interlúdio, ou mais propriamente uma *dança*. Aqui o autor transforma-se em coreógrafo, e exhibe com um quase virtuosismo a sua habilidade de fazer-se acompanhar pelas principais figuras do cenário psicanalítico. Uma vez que o tema do desamparo e do originário tenha sido fixado como foco para estudar a depressão, Delouya propõe-se a um passeio que visite brevemente o tratamento dado ao tema em diversas obras da psicanálise. Lacan, Klein (também através de Meltzer), Winnicott e Bion são as obras visitadas, conservando-se o pano de fundo freudiano. A abordagem não é exaustiva, mas *sugestiva*, e dá a entrever a grande imersão de Daniel Delouya nestas obras, resultando em texto conciso e condensado que *guarda* grande parte das articulações nas entrelinhas, como cartas na manga. Assim, o leitor é poupado de uma empreitada conceitual mais árdua, mas pode sentir-se pouco

aparelhado para acompanhar os passos ligeiros da dança, necessitando para tanto fazer o seu próprio mergulho nas respectivas obras.

Uma marca distintiva do capítulo é sua abordagem comparativa. Delouya sugere, por exemplo, entre diversos elementos das obras postas a dialogar, a *proximidade* entre o superego arcaico de Klein e a mãe “obscena e tutelar” de Lacan, ou a *distância* entre a ênfase dada por Klein à fantasia e Freud, Lacan e Winnicott, no que se tange ao “apelo ao outro”. Ora, mas mesmo este “outro” varia: a vivência corporal junto ao objeto é marcante em Winnicott e em Freud, enquanto que para Lacan tal vivência se desenrola sobretudo em relação à *imagem* do outro. A dimensão geográfica do corpo materno é destacada na construção kleiniana, um corpo-floresta que é o destinatário da demanda desen-cadeada pelo desamparo, em uma reivindicação mítica da morada de origem. O conceito de identificação projetiva é, por sua vez, definitivamente reformado por Bion, que reafirma o caráter de apelo que este mecanismo exerce sobre o objeto. Nele há um *impeto* que coloca em marcha o “trabalho do narcisismo”. Bem, e assim segue a dança. O papel do ambiente no pensamento de Winnicott será, como veremos, objeto de discussões ulteriores. O espírito desta abordagem comparativa é sintetizado na seguinte passagem: “não exis-

te, evidentemente, uma equivalência entre as concepções (...) Entretanto, elas parecem-me, em seu conjunto, constituir uma dimensão única, que é a *elaboração da situação originária*. Apesar de se entrecruzarem, constituem vários aspectos, e de diferentes espessuras, desta mesma dimensão” (p. 51).

“A depressão é uma metáfora primitiva da psique”. Com esta frase, título da “Introdução” escrita por Daniel Delouya a um livro de Fédida sobre depressão³ – cuja influência em suas próprias elaborações é por ele mesmo reconhecida –, abre-se o artigo seguinte. Ela indica que a depressão expressa uma *função fundamental* do psiquismo: “resguardar o espaço de continência em que se desenrola, se desenvolve e amadurece a vida psíquica” (p. 56). Este longo ensaio, no qual encontramos o mito de origem com o qual iniciei a resenha, encerra-se justamente com um trabalho sobre o “paradoxo da depressão” de Winnicott. Se a depressão está associada à *integridade*, ou à conquista do processo de amadurecimento que resulta na constituição de um Eu intacto, ela também surge como manifestação defensiva justamente nas situações em que a *integração* não pode ser levada a termo, servindo como “tampão” contra a ameaça de desintegração. Winnicott tratou esta duplicidade, em *O valor da depressão*, em termos do “humor depressivo” e suas possíveis “impurezas”. Assim, se a depressão pressupõe, segundo Fédida, uma depressividade fundamental da psique que *cria* espaço psíquico, a sua psicopatologia está muitas vezes referida a um fracasso na *função*

fundamental aludida. O paradoxo da depressão – ou “os dois regimes da função depressiva” – atravessa todo o livro, já que o autor aborda tanto o universal da depressividade no trabalho psíquico humano – como no caso do trabalho do narcisismo –, quanto as formas clínicas de depressão relacionadas a deficiências de referências internas ou de uma estrutura básica.

A partir daqui, começamos a ter um acesso maior à experiência clínica de Delouya no que se refere à depressão, o que possibilita o enriquecimento de figuras para pensar o tema. Comparando duas pacientes – M. e E. – o autor nos propõe uma discriminação bastante interessante entre duas formas de depressão, uma que é uma reação a uma ameaça de aniquilamento da estrutura de base do terreno psíquico, e outra que é resultado de uma carência interna de referências ou registros qualitativos próprios de prazer, ligados ao auto-erotismo. Isto conduz o autor a distinguir dois momentos ou estágios distintos relativos à depressão. O primeiro diz respeito à instauração do terreno do psíquico, que para Delouya foi particularmente bem tematizado por Winnicott, e posteriormente integrado ao pensamento freudiano por Green. A expressão “estrutura enquadrante”, proposta por Green, é adotada por Delouya para nomear este primeiro estágio. O segundo diz respeito à instauração das “colunas” do auto-erotismo em um espaço psíquico interno – a estrutura

básica de um edifício – já construído, processo depreendido por Delouya da teorização freudiana, especialmente do modelo da emergência do auto-erotismo a partir do descolamento da sexualidade de seu apoio na auto-conservação. “O auto-erotismo resulta de uma introjeção” – a “colocação em território próprio” – e, portanto, o mapeamento do gozo e dos registros de satisfação dentro de si” (p. 91). Aqui, o corpo torna-se a morada da pulsão. Este segundo momento, resultado de um longo trabalho e dependente de um bom atravessamento do estágio anterior, é equiparável, para o autor, à posição depressiva de Klein, e tem como consequência estrutural a *perda* do objeto e um *ganho* fundamental – de natureza depressiva: a formação do Eu.

Ora, os efeitos desta proposta transcendem uma teoria da depressão – ou pelo menos uma teoria da depressão “restrita” –, e seu caráter “generalizante” não deixa de ser muito instigante e rico. A *depressão originária* concerniria ao que resta da catástrofe inicial do mito de origem, e que permanece como apelo e tentativa de reparação do distúrbio introduzido na mítica eternidade nirvânica, dis-

túrbio que é, afinal, a própria vida. Ora, a resposta ambiental a este apelo é considerada por Delouya como definitiva para o destino desta depressão, e aqui ele acompanha de perto a rica contribuição de Winnicott, cuja obra – especialmente o precioso artigo *O valor da depressão* –, juntamente com os trabalhos de Fédida e Green, é explicitamente tomada como “fonte moderna principal” de seu trabalho. Aqui o autor dá continuidade ao percurso iniciado no primeiro capítulo em torno de Lacan e sua articulação entre especificidade e narcisismo, ressaltando, com Winnicott, a função de espelho do rosto da mãe. O último acrescenta à teoria do estágio do espelho a existência de uma “dimensão metabólica”, que difere e complementa o aporte lacaniano. Em uma nota de rodapé (p. 77), Delouya avança um pouco mais naquilo que separa Winnicott de Lacan, apontando justamente a mudança de posição de Fédida sobre a questão da *ausência* ao longo de sua obra. Se no discurso lacaniano o vazio e a falta são condição para a emergência do desejo, Fédida passou a reconhecer em seus trabalhos mais recentes, influenciado por Winnicott, a *presença* como *condição* da simbolização da ausência.

A fim de nos comunicar a sua compreensão da questão especular de modo menos abstrato, Delouya relembra-nos da desintegração subjetiva que acomete muitos pacientes depressivos, resultando na ruptura na experiência do tempo, com hesitação no agir, lentificação ou até mesmo paralisia radical

(ou terror). Para ele, trata-se de uma defesa diante de um excesso que, devido a uma falha especular, “deixou de servir de fonte, de valor metabólico, na construção de uma imagem suficientemente integrada de si que possibilitasse ao sujeito se apropriar de seus movimentos, de suas vivências” (p. 61-62). Aqui ressalta a sensibilidade do autor ao nos chamar a atenção para certos momentos que considera privilegiados na clínica com pacientes deprimidos, quando estes, após um período de grande agonia, fazem um pequeno *movimento* – eu acrescentaria: um gesto – tal como estender a mão ou tocar algo. O paciente busca recuperar, com estes movimentos – movimentos transferenciais sob o olhar do analista –, “algo da existência que não lhe fora inteiramente outorgada no olhar do outro da infância” (p. 65).

Se “é na insuficiência inicial do objeto que reside toda a questão da depressão” (p. 68), observamos o desenrolar da reflexão de Daniel Delouya dirigindo-se à questão do ambiente e da relação do Eu com o “meio”. Os dois estágios acima apontados – a instauração da estrutura enquadante e do corpo enquanto morada da pulsão – são compreendidos como passagens prototípicas do processo contínuo de diferenciação psíquica. Observamos, assim, o autor construindo as suas próprias elaborações em torno da função do ambiente e do objeto na estruturação do psiquismo, a ponto de chegar à seguinte formulação, bastante criativa: “o psiquismo nasce enquanto ambiente; a depressão é sua meteorologia” (p. 93). A idéia só é plenamente com-

preensível à luz do artigo de Winnicott sobre a função de espelho do rosto da mãe, já que nele é sugerido que um bebê que não encontra neste rosto um espelho que reflita o seu *self*, e sim um ambiente tumultuado constantemente sujeito a mudanças bruscas de humor (tempestades de ira, brilhos ofuscantes de mania, mortificação depressiva etc.), sendo obrigado a desenvolver precocemente uma capacidade de “previsão do tempo”. Esta se dá ao preço da mutilação da experiência do si-mesmo, comprometendo aquilo que Delouya nomeia de trabalho de terraplanagem ou instauração de uma estrutura enquadante, e resultando em uma espécie de bebê-sábio, conforme expressão de Ferenczi.

Detive-me bastante nas construções teóricas de Daniel Delouya, uma vez que sua própria complexidade o exigia. No entanto, o que se segue no livro são dois capítulos menos árdios e bastante sugestivos em termos de situações e questões clínicas ligadas à depressão. Neles, podemos acompanhar um pouco mais o clínico trabalhando, e fazendo uso, inclusive, das ferramentas conceituais que construiu.

A fragilidade da estrutura enquadante acarreta um processo de defesa que tem como meta uma vigilância contínua sobre o espaço interno e seus conteúdos; instala-se, assim, o

estado depressivo. Alguns não toleram este estado por muito tempo, e desenvolvem estratégias de *fuga* que com ele se alternam. O autor dedica-se a descrever três modalidades de fuga: a fuga para atuações perversas, o pânico e a derivação para o somático. As vinhetas clínicas são utilizadas, agora, como eixo da exposição. Com Dario, Lia e Kátia, Delouya procura nos apontar uma carência simbólica que impossibilita a transformação da “pura descarga” do onanismo em aquisição auto-erótica. A sexualização exacerbada, as atuações perversas, os furtos, as relações promíscuas, o consumo de drogas e a “busca de ferir-se” são tentativas de montar um “palco”, construir uma estrutura enquadante por sobre um “buraco”, transformando o excedente caótico da angústia e do desamparo. Assim, uma *ventania*, em um sonho de Kátia, é compreendida como figuração de uma “vida pulsional que, por não ter adquirido um palco ou enquadramento materno apropriado, deixou de encontrar no corpo a possibilidade de contenção e manejo” (p. 117). Estas estratégias de fuga são, no entanto, sinais de esperança. Aqui Delouya alude novamente a Winnicott, mas discorda dele no que se refere a uma suposta desvinculação, por parte do mesmo, da carência simbólica de sua fonte sexual; esta “leitura” de Winnicott merece ser melhor discutida, e toca, como sabemos, em um ponto polêmico e importante.

A passagem pelo pânico, mais breve, é suficiente para formular uma concepção que compreende esta formação clínica na linhagem das “neuroses mistas” de Freud, que combinam, neste caso, histeria e neurose de angústia. Há uma combinação do horror de ver-se, a partir da diferenciação, pela primei-

ra vez “sobre os próprios pés”, e dos impasses da passagem de uma posição de demanda para uma de desejo. A diferenciação é vivida como morte; com Flávia, vemos o impedimento de assunção do desejo feminino, seqüestrado pela mãe. A fuga para o somático continua, em parte, a abordagem do pânico, já que encontra-se ainda na interface entre neuroses de transferência e neuroses atuais. O que de específico é ressaltado da relação entre depressão e o campo psicossomático – e que, do meu ponto de vista, é o aspecto de maior interesse aqui – é a articulação entre sono, melancolia e depressão essencial. A *hibernação* é uma feliz figuração da prostração, letargia e longos períodos de sono do depressivo, e faz eco à formulação freudiana do *Manuscrito G*, no qual a melancolia é pensada em sua dimensão eminentemente econômica de um radical e irremediável vazamento de “combustível psíquico”, devido a um buraco na malha representativa do Eu. Ora, a “depressão essencial” de Marty comporta, precisamente, esta dimensão puramente econômica, sem nenhuma contrapartida psíquica; neste sentido, ela é ainda mais radical, em seu *desinvestimento*, do que a própria melancolia, já que nesta última pelo menos um intenso *investimento* de ódio entre as instâncias (Supereu e Eu) se conserva. Estas questões merecem, certamente, um maior desenvolvimento.

O autor nos adverte de que os quadros clínicos de fuga

ante a depressão, se bem comportem uma perda de referências auto-eróticas, não devem ser confundidos com a perversão, a delinquência ou a dissociação psicossomática propriamente ditas. A perda de referências não é estrutural e nem constante, e a dis-sociação não chega e se consolida. Esta discriminação me parece, do ponto de vista da psicopatologia psicanalítica, uma novidade interessante. Curiosamente, o tema que encerra o capítulo e que seria, segundo nos informa o autor na "Introdução", o objeto original da pesquisa ganha uma aparição discreta. Tratava-se de avaliar a prevalência do mecanismo de *recusa* nas diferentes configurações *depressivas*; neste ponto do trajeto, Delouya nos apresenta a depressão como uma "possibilidade de levantamento da recusa" (p.129), em uma rápida passagem.

Se é o enquadramento institucional a temática manifesta do capítulo seguinte, o que observamos, na verdade, é uma continuação dos desenvolvimentos teórico-clínicos do autor. Ao estilo do capítulo dedicado às "fugas", há um destaque de questões específicas a partir de casos-exemplos. Mussa, em sua montagem masoquista e com sua dor crônica, porta a típica neurose de destino do "rejeitado", que se atualiza na transferência institucional; foi

Abraham, aliás, quem muito cedo apontou a neurose de destino dos pacientes melancólicos, que repetem compulsiva e infernalmente a fatal perda do objeto. Este paciente apresenta-se com um apelo semelhante àquele dos mendigos e pedintes – como, aliás, muitos pacientes depressivos –, mascarando uma violência projetada em seu duplo (irmão gêmeo) ou incrustada no próprio corpo. O interesse maior deste relato talvez seja o de acompanharmos o "trabalho de contratransferência" do analista que, devido a uma comovente identificação com o paciente em uma dor análoga, pode penetrar mais profundamente no *insight* do caso.

Lúcia e Sany são evocadas para tratar da interface entre depressão e histeria. Uma histeria quase *boderline*, acompanhada de "teatros de loucura" e uma "fama" devida a internação e tentativas de suicídio, é trabalhada em termos da fragilidade de um suporte identificatório para a feminilidade, que deveria originar-se do modelo materno. O resultado é uma incerteza aguda em relação à figura masculina. Busca-se, assim, ilustrar, "por meio do sofrimento histérico em torno da feminilidade, como a depressão constitui, além de posto de contenção ou defesa primária ante a violência originária, o verdadeiro molde do corpo em que pode vir a se inscrever e se integrar o desejo, em sua trajetória e história edípica" (p.143). Vemos aqui, operando clinicamente, o modelo proposto por Delouya dos dois estágios ou momentos no processo depressivo universal de diferenciação e instauração do psíquico, já que estas duas balzaquianas parecem expressar bem os percalços do segundo tempo da diferenciação. Já em Gil, em sua "deserção esquí-

zoidal", incapacidade básica de comunicação humana, angústias de desmoronamento e organização francamente persecutória, o que se revela é uma problemática característica do primeiro estágio. O material clínico e onírico traz à tona as falhas maternas na função de *holding*, e o quadro depressivo expressa, aqui, uma "tentativa de conservação do *esquema corporal primário* diante da carência de revestimento, pela mãe, de referências do universo simbólico" (p.148).

Creio ter transmitido ao leitor, através desta galeria de casos, uma idéia panorâmica do desdobramento das hipóteses propostas por Daniel Delouya – especialmente no primeiro e terceiro capítulos – sobre a depressividade no psiquismo humano. Considero esta resenha equivalente àqueles rápidos passeios que fazemos em algumas exposições de arte em que, devido à falta de tempo, damos uma passada de olhos nas principais peças. Aqui, os "quadros" clínicos – ainda que na forma de fragmentos mais ou menos curtos – mostram-se bastante afinados com os "princípios estéticos" anunciados pelo autor nos capítulos iniciais.

A minha própria impressão, ao repassar esta exposição que tive a oportunidade de percorrer com mais vagar – e com a atenção que muitos bons livros deveriam merecer de nós – é de que se trata, mesmo, do projeto em curso de uma "teoria da depressão generalizada", discretamente ambicionada pelo autor que, aliás, demonstrou fôlego e capacidade para tanto.

Bem, quanto ao último capítulo – sobre a dor e o objeto – não é de bom tom contar o final do filme; fica por conta da curiosidade do leitor.

Decio Gurfinkel é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor dos Cursos de Psicanálise e Psicossomática no mesmo Instituto e autor de *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania* e *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*.

NOTAS

- 1 D. Delouya, *Entre Moisés e Freud: tratados de origens e de desilusão do destino*, São Paulo, Via Lettera/Fapesp, 2000, p. 156.
- 2 D. Delouya, *Depressão*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.
- 3 D. Delouya, "Depressão, metáfora primitiva da psique", In: P. Férida, *Depressão*, São Paulo, Escuta, 1999.